

À sombra da cultura *sugar daddy*

Sites que prometem 'relacionamentos com benefícios mútuos' vendem a volta do homem provedor e levam mulheres à prostituição

Por Maya Lâinna Soares

“Você tinha 18 anos nesse encontro?” Minhas palavras ecoam no meu quarto enquanto ouço o relato de uma menina da outra ponta do Brasil. Por mais que a conversa fosse informal e minhas perguntas fluíssem calmamente, o assunto pesava no ar. Do outro lado da tela estava Beatriz, de Alagoas, primeira pessoa a me mostrar que caminho seguir dentro do universo de *sugar dating* no país. Sua história começa há cinco anos atrás, aos 18 anos, enquanto morava com os pais, fazia faculdade de pedagogia e dava aulas de inglês para juntar dinheiro.

Descobriu a prática por meio de um anúncio no Facebook da maior plataforma para ‘homens ricos e mulheres lindas’ do Brasil. Financeiramente, não faltava comida na mesa, mas, justifica: ela queria mais do que a vida no interior do estado tinha para oferecer. Seu sonho era e ainda é viajar para fora do país — e, para quem precisava de uma esperança, a propaganda chegou na hora certa.

“Oi, meu nome é Ilana e tenho 23 anos! Eu tenho mais de vinte bolsas de marca, mais de trinta pares de sapatos, já viajei para mais de cinco países. Ninguém acha normal a vida que levo sendo tão nova, mas sabe o que eu acho? É que o que eu fiz não é segredo nenhum. Eu entrei no Meu Patrocínio e conheci um *sugar daddy* que me mimar e me ajuda com tudo que eu preciso. Simples assim!”

Ilana protagoniza um dos anúncios do site, que, hoje, conta com 10 milhões de visualizações no vídeo original, encontrado no Youtube. Segundo dados internos divulgados pela Veja em 2020, o número de inscrições na plataforma subiu 250% depois de sua veiculação. A referência é clara à propaganda da empresa de conteúdo financeiro Empiricus, que viralizou com a história de Betina Rudolph e os R\$1 milhão que teria acumulado em investimentos aos 20 anos.

Em 24 horas, a jovem de Alagoas teve seu perfil aprovado no site, mas, por um tempo, temeu sair do virtual para o encontro físico. No Facebook, participava de grupos dedicados ao tema, onde recebia dicas de como se comportar com *sugar daddies* e de lugares alternativos para encontrá-los, como usar o aplicativo de namoro Tinder ou frequentar restaurantes caros, na expectativa de conhecer alguém que pague sua conta.

A situação mudou quando Marcos*, de Salvador (BA), a chamou para sair. No shopping da cidade vizinha a de Beatriz, onde ninguém a reconheceria, os dois marcaram um almoço. No dia, o homem de 50 anos estava acompanhado de outra menina, apresentada como uma amiga pessoal. A presença dela tinha o intuito de deixar Beatriz mais confortável, já que compartilhavam a mesma idade.

Durante o encontro, além das promessas de que, caso se mudasse para Salvador, teria o apoio financeiro para pagar a mensalidade da sonhada graduação em artes, ouviu sobre outra pretendente na ‘disputa’ para ser a *sugar baby* de Marcos — uma menina mais pobre e mais nova do que ela.

No fim do encontro, Beatriz foi levada para um lugar menos movimentado. Na escada do shopping, Marcos tentou beijá-la, mas esse não era seu desejo: "Eu não gostava de fazer aquilo. Queria o dinheiro e sair de lá", conta sobre a experiência. Voltou para casa, não o viu novamente, mas manteve contato com a, então, ‘concorrente’ — hoje casada com Marcos. Na época, a atual esposa atravessava a adolescência aos 16 anos.

Em seu entendimento, a promessa tinha sido o oposto do que encontrou: alguém jovem, por quem criaria sentimentos e que, também, a bancaria — mas nem Marcos, nem os outros homens do site, cabiam nesta imagem. “Eu achava que iria ser diferente, mas eu só tinha sensações ruins vivendo nesse meio”, desabafa Beatriz. Independente, segura e atraente era a imagem apresentada da *sugar baby* ideal pelas empresas do ramo. Ela acreditou que também poderia se tornar esta mulher.

...

De última hora, Beatriz desistiu de falar comigo. Enquanto eu lhe ligava e não era atendida, recebo a mensagem: “Eu não quero mais fazer a entrevista.” Não tivemos uma nova conversa, mas ela liberou a publicação da história que havia me contado sob uma condição: anonimato. Beatriz é um nome fictício.

“Relacionamentos com termos definidos desde o início”

Criadas na última década, as empresas de *sugar dating* (em português, também conhecido como relacionamento *sugar* ou relacionamento açucarado), nasceram com o propósito de conectar homens ricos e sêniores com mulheres jovens e atraentes. Para elas são oferecidos dinheiro, presentes caros, viagens e acesso a lugares de alta classe. Para eles, a beleza.

As maiores plataformas brasileiras são o Meu Patrocínio e o Universo Sugar, que apresentam, respectivamente, 8,7 milhões (2022) e 3 milhões de cadastros (2021). Ambas foram contatadas para a reportagem, mas seus representantes se recusaram a conceder entrevistas e a disponibilizar dados sobre a operação. Junto a elas, há pelo menos mais dez sites com atuação no país: nove brasileiros e a americana Seeking, antiga SeekingArrangement, criada em 2006 e pioneira global no ramo.

Essas duas seguem o mesmo modelo de negócio, em que há quatro formas de assinatura: *sugar daddy*, *sugar mommy* e *sugar baby* — este pode ser tanto um homem quanto uma mulher. Contudo, o cerne das empresas é voltado às relações heterossexuais e ao homem como provedor: no Meu Patrocínio, são cerca de 2,5 vezes mais mulheres registradas no

papel de *sugar babies* em comparação ao sexo apostado e 4,3 vezes mais homens presentes como *sugar daddies* do que mulheres cadastradas como *sugar mommies*. Maduros, bem sucedidos, inteligentes, generosos e experientes, esses são os *sugar daddies* descritos nas comunicações das plataformas. Enquanto lindas, encantadoras, jovens e atraentes são os atributos utilizados para descrever as *babies*.

Fundada pela estadunidense radicada no Rio de Janeiro, Jennifer Carina Lobo Murray, o Meu Patrocínio foi lançado em 2015, trazendo o modelo já conhecido nos Estados Unidos para o Brasil. A proposta é ser um meio de namoro exclusivo para pessoas que partilham dos mesmos valores, fazendo a “combinação e conexão perfeitas para um relacionamento com termos definidos desde do início.”

Na atual administração, três dos cinco sócios entraram no quadro societário em agosto deste ano: Will Robson da Silva dos Santos, Fernando Pereira Alves de Araújo e Caio Bittencourt Adelio. Enquanto isso, Jeffrey Alan Hamersly tem parte do negócio desde 2020, e a LLC Intermarketing Worldwide — categoria de negócios disponível nos Estados Unidos, similar à LTDA, utilizada no Brasil — desde 2016.

No site, a ferramenta de busca permite que os usuários filtrem seus pretendentes a partir de informações pessoais, como nome, idade, profissão ou formação acadêmica, até atributos físicos, como altura, tipo de corpo, tom de pele ou cor dos olhos e cabelo. Ainda há campos destinados à renda mensal que, em um país com alta desigualdade social como o Brasil, apresenta opções desde ‘menos de R\$10 mil’ até ‘entre R\$150 mil e R\$500 mil’.

O que as companhias compartilham entre si é o *disclaimer* no final do cadastro das *babies*, as notificando de que, prosseguindo, declaram ser maiores de 18 anos e concordam integralmente com as políticas do site. Em seguida, se reforça que garotas de programa e acompanhantes não devem seguir com cadastro: “Atividades ilícitas e/ou comerciais (como prostituição) são proibidas. Se você for acompanhante ou garota de programa, não se cadastre neste website!”, lê-se nas letras pequenas da mensagem apresentada pelo Meu Patrocínio.

Criada um ano depois de sua principal concorrente, o Universo Sugar foi fundado por Luana de Oliveira Bezerra, aos 27 anos. Junto a ela, são mais três sócios: Fernando Hallai Gonçalves, Carlos Manoel Marques Gaspar e Gilberto Alexandre da Silva. Um de seus slogans afirma que a rede é o lugar ‘onde o poder e o desejo se encontram’. Dados em relação ao faturamento não foram abertos para a imprensa até hoje. A única informação pública disponível sobre a estrutura e porte do negócio é oferecida pelo Portal de Transparência do Governo Federal, que o enquadra na condição de Empresa de Pequeno Porte (EPP), com receita entre R\$360 mil e R\$4,8 milhões.

Não é emprego, mas dá trabalho

Em uma mesa de restaurante em Copacabana, Rio de Janeiro, um estadunidense de 55 anos e uma brasileira de 19 almoçam em frente à praia. Ela tem 1,53m de altura, pele negra e duas

mechas rosas que descem por cada lado de seu cabelo longo, liso e preto. Ele já exhibe as mechas brancas, que junto ao tom de pele e o sotaque, entregam que não é dali. Com a ajuda do Google Tradutor, os dois tentam manter a conversa, mas a tarefa não é tão fácil. Nenhum fala a língua do outro.

A jovem é Alynne Cristina, de 20 anos, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro. Nosso contato se deu através de um grupo de Facebook anti-pornografia e contra prostituição. Eu queria achar alguém que não tivesse uma experiência boa no relacionamento *sugar*. Parecia que todas as matérias, blogs e vídeos sobre o assunto eram patrocinadas pelas empresas — e muitas de fato eram. Com assinaturas da assessoria no final da notícia ou links diretos ao site que denunciavam que o conteúdo vinha de um *release*, a internet é repleta de histórias sobre as maravilhas e benefícios de ser uma *sugar baby*, sem espaço para quem diga o contrário. As preocupações inerentes ao assunto são relegadas a postagens e comentários em redes sociais.

No mesmo dia que fiz a publicação chamando por fontes, recebo um e-mail. “Tenho um relacionamento assim com um americano atualmente, acho que posso te ajudar”. Era ela, uma das primeiras fontes que falaria comigo *on the record*.

“Então, eu estou ali com 18 anos, na situação tal, tenho um dinheiro guardado ali, mas não sei o que vai ser depois que acabar. Se eu não arrumar trabalho, não sei como vai ser. E aí, a gente vai refletindo”, explica Alynne sobre o porquê de ter virado *sugar baby*. A primeira vez que ouviu sobre o conceito foi aos 16 anos, por meio de programas de TV. Não recorda especificamente qual foi o primeiro, mas ressalta uma novela da época. Com estreia em 2018, o enredo de “O Tempo Não Para”, de Leonardo Nogueira, trazia para a casa das famílias brasileiras a vida paralela de *baby* dos personagens Vera Lúcia e Lalá. Ao assisti-la, Alynne relembra o que pensou: esse poderia ser um caminho para muitas mulheres desamparadas.

...

Na manhã seguinte ao almoço, Alynne recebeu uma transferência, em dólar, na sua conta bancária. O cenário continuou se repetindo mesmo alguns dias depois. Já de volta a Chicago, nos Estados Unidos, as videochamadas tomaram o lugar do contato físico. Com a barreira do idioma, a interação entre os dois ficou por conta de gestos, como tchauzinhos e corações com as mãos.

Representante de uma empresa de tecnologia no Brasil, o americano voltou ao país três meses depois. Dessa vez, com bolsas e perfumes para presentear Alynne e mais tempo para um segundo e terceiro encontro. Almoçaram no mesmo restaurante, voltaram para o quarto de hotel e caminharam pelo calçadão, estrela das músicas de Tom Jobim.

Os dois se conheceram pelo Tinder, última aposta da jovem carioca na procura por um *sugar daddy*. Mesmo com pouco dinheiro na época, Alynne já havia pago para entrar nos sites Universo Sugar e Meu Patrocínio, que têm uma taxa, respectivamente, de R\$180 e R\$250 para as *babies* que querem aprovação rápida. Fora da internet, restaurantes, shoppings e cafês

de bairros nobres também foram terrenos na sua busca por pretendentes. A estratégia não esteve entre as mais bem sucedidas — precisava consumir para permanecer nesses estabelecimentos, além de gastar com a própria locomoção.

Dentro das plataformas especializadas, não encontrou o que havia sido prometido. Entre os que cobçavam garotas de programa e aqueles que “não tinham perfil de provedor”, seu *chat* era repleto de propostas de pagamento — ou ‘mimos’ — por encontro. “Depois que o Fantástico fez uma matéria, muitas pessoas que não têm conhecimento real sobre o que é isso entraram no site. Pagaram para se cadastrar e fizeram daquilo ali uma festa”, conta Alynne.

A reportagem em questão retratava os crimes de um falso *sugar daddy*, Eliezer de Queiroz Moreira, que extorquiu e estuprou mais de 50 mulheres ao se passar por um milionário no Meu Patrocínio. Parece que a notícia, que entrou no ar em agosto de 2020, foi um divisor de águas para o meio.

Foi depois de sua veiculação, inclusive, que Mariana Yumi, de 32 anos, decidiu criar uma conta no Instagram e ser influenciadora. “Eu lembro quando foi ao ar aquela reportagem do Fantástico, falando das meninas que foram enganadas. Eu falei, gente, eu passei por tudo isso, sei como é. Considerando minha experiência na área criminal, por que não criar um perfil e falar a respeito? Vai ajudá-las a não serem enganadas, porque acontece com bastante frequência”, relembra Yumi.

“Virei *sugar baby* para alavancar minha carreira. Hoje tenho duas empresas e uma mesada de R\$20 mil” é o que diz no título do perfil sobre Mariana na revista de *lifestyle* Glamour Brasil, de outubro de 2021. Sua história na internet havia começado no início desse mesmo ano, mas, na época em que conversamos, Mariana já estava na quarta conta. Ao expor fraudes e golpes de falsos *sugar daddies*, teve os três perfis anteriores derrubados. A diferença agora? Não escondia mais sua identidade — nem seu rosto. Depois de sofrer ameaças e tentativas de extorsão, abandonou o filtro que usava em fotos e vídeos para não se expor.

Residindo em Curitiba (PR) desde 2012, Yumi cresceu em Sidrolândia, cidade de 60 mil habitantes no interior do Mato Grosso do Sul. O lugar não tinha as oportunidades que precisava para construir o futuro sonhado e a família não era fonte de apoio. “Foi aí que eu vi a solução: encontrar alguém mais velho e bem sucedido pra me ajudar”, ela resume sobre a decisão que tomou aos 24 anos, já graduada em Direito e com o registro profissional da OAB em mãos.

Em 2014, já na capital paranaense, conheceu seu primeiro *sugar daddy*, mas só ouviu sobre o termo, que, hoje, soma milhares de postagens e *hashtags* nas redes sociais, depois de três anos na relação. “Na minha cabeça, a primeira coisa que eu pensei foi: isso daí é um site de prostituição”, admite a opinião que teve ao descobrir sobre uma mulher, de 46 anos, que era *baby* de dois homens e os via uma vez por mês.

Mesmo assim, decidiu saber mais. Seu parceiro da época já chegava aos 74 anos. “Não vai

viver muito mais tempo, eu *preciso* ter uma segunda opção”, refletiu antes de se cadastrar no Meu Patrocínio. Neste momento, seu gato passeia na frente da câmera. Estamos em uma videochamada. “Psiu, *sugar*, não no meu computador”, adverte ao animal.

Sem pedido para troca de *nudes* ou qualquer forma de solicitação financeira. É assim que descreve a primeira conversa com o atual marido, que conheceu através da plataforma. Logo na manhã seguinte, marcaram de se encontrar em um dos parques de Curitiba. “Rolou uma química e me surpreendeu muito positivamente, porque eu estava morrendo de medo de chegar no lugar e ser um cara velho, caquético, caindo aos pedaços”, conta.

O perfil do esposo, hoje com 50 anos, não tinha fotos — algo comum nas principais plataformas do ramo. Nelas, é possível que *sugar daddies* não usem fotos ou as coloquem em modo privado, liberando a visualização apenas para quem quiserem que as acesse. De acordo com Yumi, são os homens com, de fato, dinheiro que não abrem sua identidade. Eram esses que ela buscava.

Os dois saíram do parque no final da tarde de sábado, e se encontraram novamente à noite. Dessa vez, em um local privado. Na segunda-feira, os R\$3 mil que ela precisava para pagar a fatura do cartão de crédito foram transferidos para sua conta. “E desde então, ele acabou cuidando de mim”, resume.

“Eu acho que essa troca, que deveria ser saudável e natural, deveria existir em todo namoro, mas não é o que acontece”, defende Yumi, que, depois de oito anos se envolvendo por dinheiro, não seria mais capaz de voltar a outro formato de relação. “Ah, ele te dá dinheiro e você oferece sexo. É só isso?” Não é *só isso*”, frisa sobre a maioria das pessoas terem uma visão rasa sobre suas escolhas. “Se fosse só emprego, você batia ponto de hora à hora, recebia o valor fixo e não havia discussão.”

Por outro lado, parece que a prática não deixa de demandar tempo e esforço. “Eu vou te falar que dá muito trabalho. Você precisa manter uma linha de conversa, manter intimidade e conexão com aquela pessoa. Dedicar tempo para fazer com que o relacionamento dê certo”, confessa ela, que já teve mais de um *sugar daddy* ao mesmo tempo. “Chegavam dias, assim, que eu estava exausta. Não queria fazer nada, olhar para cara de ninguém. Não queria nem olhar pro celular.”

O plano nunca foi casar — ele era comprometido e ela também —, mas o cenário mudou depois de um ano juntos. Seu *sugar daddy* pediu divórcio para namorarem. Agora, de forma exclusiva. Em 2021, depois de quatro anos de namoro, deram mais um passo, decidindo morar sob o mesmo teto. O apartamento, os dois carros que já teve e o primeiro investimento em seu próprio escritório de advocacia foram pagos por ele. Esses bens estão em seu nome e, no acordo entre os dois, a separação patrimonial é absoluta.

Mariana Yumi entrou no site procurando intencionalmente homens comprometidos, que seriam mais responsáveis no *sugar dating*. Segundo dados do Meu Patrocínio, são cerca de

23% *sugar daddies* casados para 58% solteiros. O campo “estado civil” é o primeiro a aparecer embaixo das fotos. “Eles [os casados] precisam manter a discrição. O ‘cara’ que está solteiro não precisa se preocupar em dar algum problema caso não cumpra com o que combinou. Vamos supor que ele [o solteiro] falou que pagaria três meses de aluguel. Caso ele termine, ele fala: ‘Não, você que se vire’”, explica, ilustrando uma das situações mais comuns de acontecer entre as *babies*.

Advogada da área criminal, Mariana já representou poucas seguidoras judicialmente. Seu público, em sua maioria, são mulheres da região Nordeste e Sudeste, entre 23 a 35 anos, que vem de condições menos favorecidas e estão iniciando sua vida profissional — seja prestando vestibular ou buscando criar o próprio negócio. “Eu diria também que uns 20% estão entre 18 e 20 anos.”

Em razão do julgamento que sofrem na delegacia, são poucas as mulheres que chegam a apresentar uma denúncia de crimes envolvidos por trás do *sugar dating*. “Elas têm vergonha de contar que houve alguma promessa de benefício que não foi cumprida, sucedendo, então, ao delito”, explica Mariana, que, por isso, vê a importância do seu perfil. “Não só pelo fato delas estarem sendo enganadas, mas também por estarem sendo vítimas de violência e ainda acharem que a culpa é delas.”

As ressalvas dessas mulheres têm fundamento. No início de 2021, veio à tona o caso de Samuel Klein, herdeiro da rede septuagenária de varejo Casas Bahia. Denunciado por estupro e exploração sexual, a defesa afirmou que a relação entre o réu e as vítimas era de *sugar daddy*. O advogado André Boiani de Azevedo dizia que era um “meio da qual se ‘mantém um pagamento, mas não por sexo, [em que ele] sustenta, trata todas como namoradas” e que essa era “a verdade em relação ao Saul.”

O argumento da defesa foi acolhido pelo juiz Fábio Calheiros do Nascimento, da 2ª Vara Cível de Barueri (SP), que escreveu: “Sendo [as vítimas] ‘babies’, ganha força a ideia de autonomia e, por conseguinte, perde força a de constrangimento.” Com a decisão, estavam revogadas as medidas cautelares solicitadas pelas 32 mulheres sobreviventes dos crimes de Klein.

De acordo com a advogada Hyezza Tavares, especialista em psicologia jurídica, policial e criminal, a lei não protege, de forma considerável, mulheres vítimas de violações sexuais. “Principalmente quando envolve prostituição ou pagamento em dinheiro, o olhar jurídico tende a se fechar. Existem poucas leis que visam proteger mulheres quando estas são manipuladas ou chantageadas sem um nível de violência física por detrás”, observa. A própria lei de violência psicológica — que, embora já tivesse previsão na Lei Maria da Penha — precisou de um tipo penal específico para ter o conceito de violência aplicado além de apenas atitudes físicas.

“Quando falamos sobre prostituição e sua rede, é inevitável falarmos de coação, ou seja, exercer uma pressão psicológica a ponto de levar o indivíduo a praticar condutas que lhe

desagradam. A própria maneira como o direito enxerga o consentimento é um ponto cinza, porque como podemos entender que alguém consente com a violação de seus direitos, se retiramos da equação toda uma conjuntura que o fez chegar a esse ponto?”, questiona a advogada.

Cultura *sugar daddy*: A *trend* do velho da lancha chega às crianças e adolescentes

Com a ascensão das redes sociais, a figura do velho rico tomou outras proporções, tornando-se ainda mais popular. Com o lançamento do TikTok no final de 2016, escuta-se cada vez mais as palavras *sugar baby*, *sugar daddy* e relações *sugar*. A marca é a que mais cresce em todo o mundo, segundo a Brand Finance, e é a principal rede social utilizada por crianças e adolescentes no Brasil, ficando à frente dos concorrentes Facebook e Instagram em quantidade de usuários na faixa entre 9 e 17 anos. Os dados são do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br).

“Se você sabe que existe esse público jovem e que já dá esse problema [ser uma forma de prostituição], você vai contratar um influenciador para fazer anúncio no TikTok? Que é rede de criança e adolescente? Isso é uma coisa condizente com a proposta da empresa?”, questiona um (a) ex-funcionário (a) do Universo Sugar, que entrevisto com exclusividade. A empresa já fez parcerias na rede social com influenciadores como Vitória Laís (+2.5 milhões); Vinícius Cassimiro (+1 milhão) e Gustavo Shizue (+332 mil). Em novembro de 2022, eram mais 1.8 bilhões de visualizações na *hashtag* #sugardaddy; 1,4 bilhões em #sugarbaby e 104,2 milhões em #sugardating no aplicativo.

Ao contrário de outras empresas de tecnologia voltadas ao público adulto, os principais sites de *sugar dating* não contam com verificação de idade. “Porque não é interessante que o negócio seja seguro e sustentável. O potencial de lucro e crescimento é maior com procedimentos de segurança mais brandos”, afirma o (a) ex-funcionário (a).

Com quase a mesma quantidade de cadastrados do Universo Sugar, a Sexlog, maior site da América Latina voltado a encontros sexuais, conta com ferramentas de segurança avançadas para o uso de seus serviços, como clubes de *swing*. A identidade dos participantes é verificada com o envio de foto do usuário, em tempo real, segurando sua documentação — mesmo procedimento feito por bancos digitais.

Frente às questões implicadas na premissa e ética dos negócios de *sugar dating*, aplicativos do ramo passaram a ser banidos da Apple e Play Store (Google) — obrigando essas redes a ficarem restringidas à hospedagem em sites. Em fevereiro de 2021, o Google deu o primeiro passo nesse sentido, atualizando a natureza do conteúdo publicitário ‘adulto’ permitido de ser veiculado em suas plataformas. Passou a ser proibido, então, anúncios relacionados à prática de “namoros por compensação e arranjos sexuais em que um participante tenha a expectativa de prover dinheiro, presentes, apoio financeiro, mentoria ou qualquer outro benefício para outro participante, como *Sugar Dating*.”

A decisão foi uma vitória para o National Center of Sexual Exploitation (NCOSE), organização americana que, desde sua fundação, em 2013, pressionava a companhia por mudanças que acabassem com o abuso sexual conduzido através de seus produtos. “A gente pedia para que removessem, basicamente, a ideia comercial de sexo sendo permitida no aplicativo. Nós só queremos que essas plataformas [de *sugar dating*] sejam avaliadas com precisão para que as pessoas realmente saibam no que estão entrando”, conta Sommer Porter, Coordenadora de Eventos e Projetos Especiais da NCOSE. Em setembro, em conformidade às mudanças prévias tomadas, as Diretrizes de Revisão do Google Play também foram revisadas, restringindo esses aplicativos de serem carregados na loja.

Em junho do mesmo ano, a companhia fundada por Steve Jobs também passou a classificar a prática dentro do artigo de ‘segurança’ de suas Diretrizes de Revisão, em que proíbe materiais pornográficos ou excessivamente sexuais, “incluindo aplicativos de namoro que possam conter pornografia ou serem usados para facilitar a prostituição.”

...

Mariana Yumi afirma que a maioria dos golpes ocorre no Instagram. Segundo ela, a plataforma não é adequada para se iniciar conversas. “Não tem como você conhecer a pessoa do outro lado e saber o que, de fato, ela está querendo. Por isso que eu falo muito para elas [as seguidoras] não interagirem com esses perfis que se dizem *sugar daddies* ou que fazem aproximação por lá. Um cara que está bem estabilizado não vai ficar passando tempo em redes sociais”, argumenta Mariana, que costuma investigar a fundo essas contas.

Contudo, isso não significa que os sites especializados sejam 100% seguros. Se o homem, como *sugar daddy*, for denunciado por violar alguma das diretrizes, seu perfil é excluído, mas ele pode fazer um novo e-mail e entrar novamente em qualquer uma das principais plataformas. Se a *baby* sofrer uma denúncia, ela só reverte a situação pagando também. “E a gente sabe que a maioria delas não tem condição”, diz Yumi. O Universo Sugar deixa claro em seus Termos de Condição e Uso que não realiza nenhuma verificação de seus membros e que é da responsabilidade do usuário investigar todos os outros aspectos relacionados a quem se comunica ou pretende se comunicar. Inclusive, a situação financeira e criminal.

No Instagram, casos de pedofilia e zoofilia acontecem por trás da persona *sugar daddy*. “O cara procurava mulheres que tivessem um filho. Inclusive, um desses tentou comigo”, conta Cristina*, uma das *sugar babies* que entrevistei. Ela explica um golpe comum: solicitação de vídeos e fotos de conotação sexual, com a promessa de pagamento. “Só que os vídeos vão ficando cada vez mais pesados e aí ele começa a te extorquir: ‘Se você não me mandar mais conteúdo, do jeito que eu estou te pedindo, eu vou postar todos esses outros vídeos na internet’”, exemplifica Cristina, que costuma bloquear esses homens. “Mas eu não sou uma menina que está ali com três alugueis atrasados, boleto vencendo, conta pra pagar, sem comida dentro de casa, porque é uma realidade, entendeu? A gente mora no Brasil, a gente sabe que a realidade é essa”, desabafa.

Em sua opinião, mostrar uma vida de luxos em troca de um relacionamento com um homem mais velho transformou a visão das pessoas em ‘eu faço tudo pra ter aquilo’, as levando a cair em golpes. Para ela, há um culpado. “A gente tem que lembrar que essas plataformas são um meio de negócio. Existem pessoas que vivem do dinheiro que entra. O foco delas não é fazer a gente encontrar o príncipe das nossas vidas, não. É lucrar com um mercado em ascensão.”

A glamourização da prostituição

“O que é a prostituição? Cobrança de sexo por dinheiro? Na nossa rede não pode falar de sexo e não pode falar de dinheiro. Então, não tem prostituição aqui”, explica o (a) ex-funcionário (a) do Universo Sugar sobre a lógica por trás da comunicação dos sites. Para ele (a), o relacionamento nos moldes *sugar* é uma relação convencional, com a diferença de acontecer com pessoas de poder aquisitivo mais alto.

Por outro lado, segundo ele (a), o marketing da empresa constrói uma ideia oposta e os homens entram na plataforma procurando por mulheres que não vão aparentar serem acompanhantes. “A grosso modo, nenhum ‘cara’ rico quer aparecer no lugar com uma mulher que tem ‘jeito de puta’, falando de uma forma bem seca. O que o cara quer é uma garota de programa sem cara de garota de programa”, explica. Parece que o que separa prostituição e *sugar dating* é uma linha tênue.

De acordo com dados do Meu Patrocínio, atualizados em agosto deste ano, a idade média de seus usuários é de 37 anos para *daddies* e 27 anos para *babies* — uma queda de 50% na diferença de idade divulgada em 2019. Em relação à renda mensal dos homens, a média declarada é de R\$141 mil, um aumento de 235% em comparação com 2017, quando o valor era de R\$42 mil. O nível de escolaridade mais comum entre elas é o ensino médio (31%) — completo ou cursando —, o equivalente a 2,4 milhões, seguido por aquelas no ensino superior (26%).

Todos os dados fornecidos são autodeclarados, incluindo, no caso dos *daddies*, o patrimônio e a renda mensal: informações que demandam um nível elevado de proteção que, até o momento, nenhuma das empresas se comprometeu em garantir. “Não é seguro pra ninguém”, ressalta o (a) ex-funcionário (a). Enquanto os sites não filtram seus pretendentes, às mulheres é vendido que são neles que vão achar o homem que merecem.

“A maioria não tem aquela substância do que seria uma relação *sugar*, de um cara educado, que vai te promover, te ajudar a crescer. Não, é qualquer um que ganhou um pouco mais de dinheiro e se acha o reizinho do mundo”, resume minha fonte. Nos maiores sites de *sugar dating*, quem obrigatoriamente paga para interagir dentro da plataforma são os homens, que como *daddies* precisam adquirir planos de R\$199 a R\$999 ao mês. Para eles, a conta gratuita não permite ler nenhuma mensagem recebida.

Para as *babies*, existe um filtro de seleção, e não há custos para se inscrever. Os critérios para serem aceitas são subjetivos e a fila de aprovação é, supostamente, grande. Assim como Alynne fez, é possível pagar para ter o cadastro priorizado pela moderação. Aquelas que ainda quiserem que o perfil seja destacado entre as outras usuárias, podem pagar funcionalidades a partir de R\$50. A dinâmica soa como um velho esquema de balada em que mulheres entram de graça para atrair homens pagantes.

No Brasil, plataformas como as de *sugar dating* não têm dever legal de fiscalização dos usuários. Em uma busca pelos processos públicos dessas empresas no JusBrasil, um caso específico de Responsabilidade do Fornecedor chama atenção. Com sentença em outubro de 2021, o Meu Patrocínio foi isento de indenização por danos morais em causa envolvendo perfil falso com imagem da autora. Quando notificada, a pronta remoção do perfil falso eximiu a empresa de responsabilização.

Segundo a advogada Hyezza Tavares, a responsabilização só pode ocorrer pela ótica do Direito do Consumidor e do Direito Civil, em casos de falha na prestação do serviço ou na segurança que causem efetiva lesão a quem os utiliza. “Poderá haver responsabilização cível, mas a responsabilidade penal é algo difícil, diria quase impossível”, explica. O entendimento jurídico, tipificado pelo Marco Civil da Internet, é de que o provedor de hospedagem não é responsável pelas informações que exibe — apenas caso algum crime aconteça dentro da rede e a empresa se recuse a cooperar com as investigações.

Em relação à idade, a lei brasileira reconhece a noção de vulnerabilidade até os 14 anos. Depois, é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que irá proteger até a maior idade — e, mesmo assim, não há crime presumido, se houver consentimento dentro da noção legislativa, entre uma adolescente e um homem adulto. “Eis aqui a brecha onde sites de prostituição, pornográficos e de facilitação de mulheres em trocas sexuais atua: a noção objetiva de consentimento entre ‘sim’ e ‘não’. Na verdade, o ideal para eles é alargar cada vez mais as leis e conceitos que versam sobre consentimento até que sucumbam na retórica do moralismo, e não da proteção de mulheres”, esclarece a advogada.

“Não tem o que me faça relacionar com uma mulher da minha idade”

Encaixando nossa videochamada entre compromissos, Juarez responde minhas perguntas de dentro do carro, correndo entre as palavras. Por mais que eu tenha planejado nossa conversa, não deixo de me apressar também. Gaúcho, foi um dos primeiros adeptos ao Meu Patrocínio, ainda em 2016. Um ano depois, motivado por uma gravidez inesperada, firmou compromisso com uma das mulheres que conheceu. Considerado *case* de sucesso da plataforma durante alguns anos, ele e a esposa apareceram em diferentes programas e veículos de notícias para provar que relacionamentos iniciados pelo site podem dar certo.

Depois de assistir uma de suas aparições na mídia, enviei um e-mail o convidando para uma entrevista. A resposta que chega não é a que eu quero. “Há seis anos, o site tinha uma proposta e as pessoas também tinham a mesma proposta. Hoje, percebo que isso mudou e

virou quase um lugar de ofertas sexuais. Sendo assim, prefiro não expor nossa família falando sobre este tipo de relação, que foi só um caminho para nos conhecermos”. Recorro ao anonimato e recebo de volta sua confirmação.

Ele não foi o único a mencionar a mudança de público ao longo dos anos. Algumas semanas depois, outro *sugar daddy* e um ex-funcionário do Universo Sugar iriam repeti-la para mim, recorrendo a diferentes explicações para o novo cenário. Uma reportagem do Fantástico; a ascensão do TikTok; a atual situação econômica do país. “No começo tinha aquela coisa, vamos jantar, vamos num lugar conversar. Hoje, está muito explícito. Vamos se conhecer, vamos. Qual motel tu quer?”, ilustra Juarez.

Em sua experiência, Juarez explica que a percepção social era e ainda é negativa, o que o faz evitar que saibam da origem de seu relacionamento. Além de desconfortos com alguns conhecidos, já foi exposto por influenciadores na internet. “Ele botou nosso vídeo e comentou em cima: ‘Ela é puta, todo mundo sabe que ela é puta’”. As solicitações de entrevistas aconteciam todo mês e a exposição que teve em nome da marca foi tanta que quase acabou na Justiça. Hoje, a empresa é proibida de usar seu nome.

Assim como ele, a fundadora Jennifer Lobo se afastou visivelmente da imprensa. Desde 2021, o sócio e diretor de comunicações Caio Bittencourt passou a ser um porta-voz regular do negócio. Questiono, então, à Juarez, que já esteve perto da empresa, o porquê. “Vinculou muito a prostituição e ela não quer mais a imagem dela atrelada à isso, porque ela está ganhando dinheiro em cima. Rendeu muito, óbvio. É uma mina de dinheiro inacabável”. Quatro anos após o lançamento, em 2019, o faturamento do Meu Patrocínio já era estimado em R\$43 milhões, de acordo com a Istoé Dinheiro.

Antes de conhecer a atual esposa, Juarez se considerava ‘um solteiro nato até morrer’, e casar não o envelheceu: continua afirmando que é muito jovem, mesmo aos 50 anos. Descubro que o ritmo acelerado que conduz nossa conversa é de sua personalidade e está entre os motivos que o afastaram de mulheres de sua faixa etária — que, segundo ele, trazem muita frustração consigo. “Não aguentam o meu pique de vida. Eu gosto de aventura, de viajar, dormir em aeroporto, se precisar. Então, não tem o que me faça me relacionar com uma mulher da minha idade.”

Pergunto o que o atraiu na proposta do site e o vejo brigar com as palavras por um momento. Para ele, lá, as meninas já buscavam se relacionar com homens mais velhos, independente da ajuda. Ao contrário das festas, ali não teria erro. Até saber que teria uma filha, aos 45 anos, Juarez estava na ‘noite’, de segunda a segunda, correndo atrás de mulher. “Como eu posso dizer, eu queria pegar todo mundo”. Só que durante o dia, já começava a ser chamado de tio. “Também, eu não queria ter uma vida inteira de um véio [sic] babão atrás de guria nova na rua”. O site se apresentou como um meio de conseguir sexo casual. “Uma forma de conhecer meninas novinhas — novinhas eu digo de 20, 21 anos — para tentar manter uma relação.”

De uma hora para outra, teve que aceitar uma nova realidade. Era pai. “Minha filha tinha uns

oito dias de vida. Fui para a casa da minha mãe, sentei do lado dela e falei: ‘Eu quero ir embora de casa’. Não quero mais brincar de casinha. Sabe aquela coisa de depressão pós-parto que a mulher tem? Eu tive. Eu quase infartei, eu não dormia”, revela. Hoje, já não pensa mais em si sem as duas. “Eu digo, não é fácil a vida de um boêmio nato.”

Em três meses na plataforma, conheceu cerca de 20 meninas. “Moças, né?”, se autocorrige. A palavra ‘menina’ voltava em cada uma das entrevistas que eu fazia. Via *sugar daddies* e *sugar babies* tentarem esquivar-se dela durante suas respostas, mas ‘menina’ voltava a tomar rapidamente o lugar de ‘mulher’, inconscientemente, logo em seguida.

Juarez destaca três características das antigas pretendentes: de família, boa índole e bom nível cultural. Uma condição financeira descrita como ‘legal’, mas não ‘boa’ — não a condição que ele poderia oferecer. Todas estavam na plataforma por uma razão: uma vida melhor. “Quem não quer passear de carrão, fazer viagens bacanas?”, indaga. Sobre haver mulheres economicamente vulneráveis na plataforma, ele responde: “Não tinha pobre não.”

Contudo, sites de *sugar daddy* bateram recorde em 2020, período marcado pelo empobrecimento de grande parte da população brasileira: a taxa de desemprego entre mulheres atingiu 16,4% — ficando acima da média nacional para ambos os sexos (13,20%) e 4,5 pontos percentuais acima da taxa masculina, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com dados divulgados pela assessoria do Meu Patrocínio à imprensa, houve um crescimento de 80% em usuários por semana no ano da pandemia. Na época, 40% das estudantes universitárias na plataforma — concentradas nos cursos de direito, administração, enfermagem, pedagogia e medicina — revelaram ter os estudos bancados por um *sugar daddy*.

A situação econômica brasileira levou muitas mulheres, como Beatriz, a procurarem outras fontes de renda. Em 2020, a jovem voltou ao *sugar dating*, enquanto também se dedicava, por meio período ao dia, aos aplicativos de *lives*, em que fazia transmissões ao vivo para pessoas de qualquer lugar do mundo. Ouviu que faria ao menos R\$3 mil por mês, mas juntou apenas US\$90 durante três meses. A falta de retorno, junto com os comentários xenofóbicos, a fizeram abandonar o recurso. O LiveMe, um dos aplicativos que utilizou, registrou no Brasil um aumento de 40% em novos usuários durante o período de quarentena.

Na visão de Juarez, os sites estavam fadados a se inclinarem à prostituição. “Tu não pode ser ingênuo de achar que um homem vai te dar dinheiro, vai te ajudar e tu não vai dar nada pra ele. Algum agrado vai ter que fazer”, ele argumenta para, em seguida, me questionar: “Concorda?” Eu não respondo.

Ao contrário de quem segue à risca os princípios do *sugar dating*, o jornalista nunca ajudou ninguém financeiramente. Os gastos foram restritos a despesas de locomoção para quem era de outra cidade. Hoje, ele é o principal provedor da família, mas garante que antes da união não houve troca de dinheiro e sua *baby*, hoje esposa, nunca pediu que houvesse.

Assim era a norma antes da década de 70, Juarez provém para a casa e ela fica em casa. Ele não precisa e não quer que a esposa, de 26 anos, colabore com as finanças da família, alegando que a projeção profissional e o dinheiro da mulher seriam dela mesma. “Eu até prefiro que ela não trabalhe, mas não que eu queira que ela fique em casa. Eu quero que ela estude, que faça as coisas dela, mas ela faz se quiser também”. Os dois não são casados no papel, mas garante: os imóveis que comprarem irão para o nome da companheira.

...

Deslizando no *feed* do Instagram ou do TikTok, vídeos e memes sobre ser bancado chegavam até mim, seja pelas páginas que eu seguia ou que o algoritmo recomendava. A cultura de *sugar daddy* parecia bem próxima. Na mesa do bar ou em conversa com algum amigo, eu tinha passado a ouvir falas na linha “se tudo der errado, procuro um velho da lancha” e acompanhar com um sorriso as risadas que ouvia na sequência. A proximidade que eu via não era diferente de qualquer um em contato com a cultura *mainstream*.

Depois de alguns meses de apuração, tomo um café da tarde com uma amiga. Enquanto ouço o chiado da água fervendo, é inevitável compartilhar sobre as questões que me atravessam durante este trabalho. Meus dias giravam ao redor dele e eram poucos os assuntos que fugiam da tríade: homens velhos, mulheres jovens e trocas financeiras. Até que, casualmente, ela começa a me explicar como as plataformas funcionam. “Você já entrou no site? Mas chegasse a sair com alguém?”, pergunto. Nos conhecemos há quatro anos e já fazia quase um ano que eu pesquisava sobre o tema. Tento entender o porquê disso só chegar até mim naquele momento.

O sol do final de tarde logo dá lugar para o céu escuro enquanto ela me conta que, entre os 19 e 21 anos, saiu com cinco homens através do Meu Patrocínio. É ela que me fala com todas as letras quem são os homens na plataforma: “Era bem óbvio que todos queriam sexo, por mais que os sites censurassem esse tipo de conversa”. A compensação mais cara que recebeu foi de R\$600 — a mensalidade do condomínio onde morava na época.

Saio da nossa conversa entendendo melhor sobre o assunto que escrevia, e quero entender: “Mas você sentia atração por eles? Por que você acha que começou nisso?” Ela pensa por um momento e me responde. “Alguns, sim. Outros era muito difícil. Eu tentava fugir até onde dava para não ter que vê-los [e se envolver fisicamente].” Ao contrário de outras mulheres que entrevisto, seus motivos não foram por desamparo financeiro, mas, sim, afetivo e sexual. “Hoje, vejo que foi por carência mesmo. Eu pensava, já que no fim me envolvo com uns caras nojentos de graça, então que pelo menos eu ganhe com isso.”

Para mulheres jovens, o discurso de poder ter uma fonte de renda que atinja altos valores é sedutor. “Estamos falando de uma pessoa socializada nesses parâmetros, ganhando para fazer algo o qual ela sempre aprendeu a fazer: vivenciar a sua sexualidade a partir da perspectiva do outro. A gente está no sexo performando a bonitona, a gostosa, a atraente, e é pouco

convidada a reconhecer o quanto a gente quer estar ali e o quanto estamos de fato experienciando prazer naquilo”, explica Natália Santos Marques, doutora em psicologia.

“A mulher dizer não para o companheiro ou sentir que pode dizer que não está interessada em alguém é algo muito recente na cultura”, relembra. O estupro marital, quando a violação da mulher é praticada pelo próprio marido, não foi qualificado como delito no Brasil durante décadas. A ideia de haver sexo forçado dentro do casamento era incabível para a Justiça. A agressão só foi reconhecida pela lei brasileira em 2009 — 16 anos depois da Organização das Nações Unidas (ONU) firmá-la no rol de violações de direitos humanos.

Casamento tradicional: a volta do homem provedor

O sonho de Mairynny é casar e ter filhos. Nordestina, de Recife (PE), se autodescreve como dona de casa. Nas redes sociais, escolheu o nome Alice para ilustrar seu perfil de *sugar baby* e não nega a inspiração na famosa personagem de Lewis Carroll. “Eu me identifico muito com a personagem. Eu pago para ver, sou curiosa.”

Dinheiro à parte, Mairynny fundamenta sua escolha em ser *sugar baby* no autocuidado. “Sempre me cuidei muito. Sabe aquela situação de ‘eu sei quem eu sou e eu sei o que eu tenho a oferecer’? Eu não vou gastar meu tempo com qualquer pessoa”. Ela exemplifica o que quer dizer: o procedimento de depilação a laser que já quis custava todo o seu salário, mas, mesmo assim, pagou. “Estava lá eu, um mês sem dinheiro, mas paguei. Então, é o que eu falo, eu não vou sair por aí com qualquer pessoa.”

Em fevereiro de 2021, aos 29 anos, Mairynny estava sem trabalho e na penúltima parcela do seguro desemprego. Obrigada a morar com a irmã depois do término de um namoro de sete anos, a ficha caiu: havia se desvinculado por completo do ex-noivo, que pagava sua faculdade, além de todas suas despesas domésticas, e ainda a levava a viagens internacionais. A relutância da família frente ao término piorou a situação. “Até porque foram muitos anos de dedicação. Aquela coisa na sua cabeça, da família perfeita.”

As circunstâncias a provocaram crises de ansiedade, fazendo com que não tivesse mais energia para tarefas do dia a dia, como pentear o cabelo ou tomar banho. As refeições não eram mais de três em três horas, passaram a acontecer só quando se sentia trêmula. O estresse foi tanto que seu corpo pediu socorro, desenvolvendo algumas manchas na região dos seios e da costela. O estado de saúde só melhorou ao conseguir um novo emprego: ocupava a mente e a garantia a tranquilidade de ter subsídio por si própria. Entretanto, foi o aumento da afinidade com Arthur* que a re-ergueu de vez. Seu sonho de construir uma família não havia mudado.

Depois do término com o noivo, tinha deixado essa meta em modo de espera. “Pensei: vou parar de procurar. Se for o caso da minha vida ser sozinha a partir daqui, então é isso”, reflete. Até que, no trabalho, ouviu pela primeira vez sobre relacionamento *sugar*. O colar de

diamantes que a colega havia ganhado do namorado despertou curiosidade — nunca tinha visto algo similar.

Passou cerca de 40 minutos olhando a página do Meu Patrocínio no Instagram, curtiu duas fotos e decidiu amadurecer a ideia. Três dias depois, recebeu a solicitação de um novo seguidor. Por trás do perfil, o homem com quem conversava era Arthur, mas esse não é seu nome verdadeiro. Seguindo as orientações das empresas de *sugar dating*, que orientam os usuários a usarem um nome falso, Arthur era apenas um pseudônimo para a sua persona *sugar daddy*.

Um ano e quatro meses depois, era ele que a daria uma mesada de R\$10 mil e presentes que sequer cabem em seu armário — desde perfumes franceses a bolsas e sapatos de marcas como Schutz e Jorge Bischoff. “Sobre ele ser meu *sugar daddy*, eu falei: tem coisa que eu não vou saber como me comportar, não vou saber o que fazer. Se você tiver essa paciência comigo, ok.”

No final de 2021, o engenheiro e carioca de 33 anos saiu do Rio de Janeiro para o Canadá, que, junto ao avanço da relação, abriu uma nova oportunidade à Mairynny: tirar o visto canadense. Desde então, vem tentando planejar como contar seus planos para a família, mas já sabe qual vai ser a resposta da mãe: “Vai dizer que é tráfico humano”. Enquanto isso, para evitar questionamentos, posterga alguns gastos, como as cirurgias estéticas que sonha em fazer. Assim como no seu último emprego como vendedora, Mairynny ainda ganhava um salário mínimo no novo trabalho.

Além de privações financeiras, ela conta que há outras complicações em se ter um *sugar daddy*. “Coisas que eu não concordo, mas que tenho que aturar, porque não posso cobrar. Às vezes até me pergunto, o que eu estou fazendo e o que eu sou pra ele?”, ressalta, destacando a mesma falta de voz que outra fonte já havia me confessado.

“Acontece muito de a gente ficar o tempo todo engessada em alguma coisa, pisando em ovos o tempo inteiro. Você se comporta como acha que a outra pessoa quer que você se comporte”, também expõe a *sugar baby* Cristina. De acordo com ela, é comum que as mulheres entrem em um personagem. “A *baby* ideal, que só conversa sobre o que o homem quer conversar, que anda impecavelmente arrumada, salto agulha o tempo todo.”

Apesar disso, Jennifer Lobo, fundadora do Meu Patrocínio, afirma que o propósito da plataforma se diferencia de outros aplicativos de namoro por ter expectativas alinhadas de forma clara e objetiva desde o início. “Lá os usuários falam tudo que querem dentro de um relacionamento”, afirmou em entrevista à Jovem Pan.

No livro “Como Con\$eguir um Homem Rico”, Lobo ensina que o interesse desses homens é voltado às mulheres que seguem um certo *script*. Elas são frágeis, “meninas”, mas apenas com seus parceiros, porque perante a sociedade não podem ser choronas. Não chegam em

casa e reclamam sobre o dia com seus homens, ao invés disso, adoram eles. Os problemas são limitados para as amigas.

“Como é esse cara que vai te ajudar se você é silenciada o tempo todo? Isso vai muito para uma relação tradicional, não se encaixa no que é discutido sobre relacionamento saudável, marcado por parceria, por tentar mitigar as relações de poder. No livro, ela vai para o caminho contrário e ensina exatamente como você mantém essas desigualdades”, analisa Caroline Rodrigues Silva, pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e autora de estudos sobre *sugar dating* no Brasil. “Ela [Jennifer Lobo] viu uma oportunidade de pegar essa relação que existe na sociedade, porque isso existe há muito tempo, do homem mais velho fica com meninas mais novas, e resolveu que não era só o casamento e a prostituição que iriam ganhar dinheiro com isso.”

...

Dentro do Instagram, Mairynny descobriu paralelos ao universo que vive. “Os homens já chegam perguntando se eu vendo *pack*. Isso não é ser *baby*. Eu sempre falo, eu sou *baby*, não sou garota de programa”, reclama. Depois de ver que fotos sensuais tomam conta das páginas de outras *babies*, a jovem sente que o significado da prática vem mudando.

Mariana Yumi diz que prostituição e ter um *sugar daddy* são dois caminhos diferentes, mas que se intercalam: já viu *sugar baby* virar garota de programa e garota de programa virar *sugar baby*. “Porque tem meninas que não querem ter o esforço de manter o relacionamento, mas querem o dinheiro, então elas acabam migrando para a prostituição pelos valores. Também existem meninas dentro da prostituição que não querem mais estar lá, porque desgasta bastante”, expõe. A influenciadora afirma que, além do estigma, a vulnerabilidade é maior para aquelas no meio que entende como prostituição — mesmo que a violência não seja ausente no modelo de relacionamento que leva.

Depois do término com o ex-namorado, Yumi continuou dividindo o apartamento em que moravam por ainda dois meses, enquanto sua própria casa não ficava pronta “Chegou um dia que ele tentou me forçar a manter relações íntimas e, quando eu comecei a me debater e gritar, ele tentou me esganar.”

A fundadora do projeto feminista e antiracista Vulva Negra, Yasmin Moraes, parte de outro princípio. Segundo ela, é de interesse para aqueles no poder que classes oprimidas, como a feminina, sejam divididas em subcategorias. “Por exemplo, há a ideia de a prostituta ser uma mulher de baixo potencial aquisitivo e intelectual, enquanto a acompanhante de luxo já seria alguém com formação universitária e mais recursos para ter uma estética diferenciada”, exemplifica. Em seguida, explica que essa divisão vai criando identidades com as quais os indivíduos que pertencem a essas subcategorias vão se identificando e, a partir daí, construindo novas narrativas. “Assim, dentro da própria classe, ocorrem cisões que, em certo ponto, até mesmo alienam o indivíduo.”

Na lei brasileira, a prostituição é vista como uma troca consciente e consensual de favores sexuais sob pagamento. A definição dada pelo Ministério do Trabalho e Emprego é de profissionais que “buscam programas sexuais, atendem e acompanham clientes e participam em ações educativas no campo da sexualidade”. Por conta da atual doutrina do direito, as condutas precisam ter correlação com uma troca em dinheiro, o que não é regra no *sugar dating*, em que o sexo não é necessário para sua continuidade e, caso exista, pode ser condicionada a outros favores, como jantares, presentes e delegação de responsabilidade financeira.

Segundo a advogada Hyezza Tavares, linguagens como ‘relacionamento’ e ‘estilo de vida’, utilizadas pelas empresas do ramo, sustentam a ideia de que não há uma posição hierárquica entre as pessoas envolvidas na troca, associando a uma espécie de namoro. Todavia, afirma que esses negócios poderiam se enquadrar, em tese, nos crimes de lenocínio e rufianismo (popularmente chamado de cafetinagem), tipificados pelo Código Penal. Na primeira conduta, o autor induz (dá a ideia ou inspira alguém a fazer algo), presta apoio, assistência e incentivo à prostituição de outra pessoa, tirando proveito. Na seguinte, visa obter lucro ou vantagem econômica, vivendo à custa do lucro de prostituição alheia. “Esse malabarismo jurídico acontece a partir da própria argumentação dos sites. O afastamento do termo prostituição não é acidental ou impensado, e sim uma deliberação para se afastar de tipos penais e esvaziar conceitos de proteção às mulheres”, argumenta Tavares.

Segundo a pesquisadora Caroline Rodrigues Silva, as empresas estão em uma disputa de narrativa sobre o que significa prostituição. “Ela [Jennifer Lobo] está dizendo que não é. O que também é uma estratégia de marketing, que cola em uma sociedade desigual, mas vai lá na Noruega, que tem menos desigualdade de gênero, por exemplo. Isso não entra na cabeça das pessoas como uma forma de se relacionar. Não existe uma cultura prévia para aquilo ali pegar”, ressalta.

No Brasil, o entendimento social, político e jurídico sobre o tópico não é o mesmo que o de países desenvolvidos. Em novembro deste ano, a alta jurisdição da Noruega decidiu que *sugar dating* se enquadra no escopo de sua lei que proíbe a comercialização de serviços sexuais, em vigor desde 2009. A decisão teve como base a condenação de um homem de 56 anos que, por meio de sites especializados, entrou em contato e manteve relações sexuais com adolescentes, pagando cada uma em dinheiro logo após encontros em um hotel. Algumas das vítimas eram menores de 16 anos, idade de consentimento no país.

O acusado usou a mesma argumentação do julgamento de Samuel Klein, mas o Supremo Tribunal não acatou, entendendo que a forma como uma relação é nomeada ou como as partes entraram em contato não eram um fator decisivo, e sim se relação consistia na troca de favores sexuais por pagamento. A infração rendeu uma pena de um ano e 10 meses de prisão, com a decisão da corte de que cada caso deste meio deve ser examinado individualmente, o que indica que a prática nem sempre será tipificada como crime.

Outros países europeus também já contam com ações legais contra empresas desses ramos. Em 2018, o site do noruegues Sigurd Vedal, RichMeetBeautiful, distribuiu *outdoors* dentro de universidades belgas e francesas, explicitamente endereçados a estudantes. Em Bruxelas, Vedal foi acusado por incitação pública de depravação e prostituição, além de por violar as leis anti-sexismo do país. Em Paris — onde a propaganda mostrava um homem em cima de uma mulher, com os dizeres: “Ei, estudantes! Romance, paixão e nenhuma dívida estudantil. Saia com um *Sugar Daddy* ou uma *Sugar Mama!*” —, passou por acusações de cafetinagem.

O confronto com o movimento feminista

Em entrevista publicada em 23 de setembro de 2017, no jornal A Tarde, de Salvador (BA), a fundadora e CEO do site Universo Sugar, Luana Bezerra, avalia que a plataforma não confronta o movimento feminista, que tem como premissa a emancipação feminina em todos os aspectos, inclusive, o financeiro. “Há *babies* que são totalmente bancadas, mas isso não significa que não possam ser independentes, até porque muitas têm se qualificado”, explicou ao portal.

A argumentação é rebatida pela feminista Yasmin Moraes, que reconhece que a proposta não enfrenta as verdadeiras causas dessa desigualdade, mas se beneficia delas, a tornando não compatível à teoria em questão. “O que ocorre nesse processo é justamente a ratificação de uma estrutura social que já põe mulheres, tanto financeira como social e psicologicamente, em um espaço inferior em relação aos homens”, explica. Em 2021, segundo estudo conduzido por Laísa Rachter, pesquisadora da FGV, as mulheres seguiam ganhando cerca de 30% menos que os colegas homens nas carreiras mais bem pagas. Quando considerados todos os trabalhadores, a média da remuneração ainda era 19% menor que a do sexo apostado.

De acordo com a pesquisa Estatísticas de Gênero do IBGE, divulgada no mesmo ano, o número de horas semanais que mulheres dedicam aos afazeres domésticos e cuidados com pessoas é quase o dobro que o dos homens, tanto entre pessoas ocupadas quanto desocupadas. São 21,4 horas comparadas às 11 horas gastas por eles. O estudo ainda mostrou que, independente de raça ou classe, ter criança em casa também não faz diferença em suas carreiras. O nível de ocupação de homens brancos com filhos de até 3 anos é de 93%, enquanto menos da metade dessas mães negras consegue trabalhar (49,7%).

Na mesma entrevista, Bezerra argumenta que qualquer relacionamento é construído à base do interesse, seja ele emocional, físico, intelectual ou espiritual. Por isso, o *sugar* não seria uma transação, mas uma relação na qual o homem pode oferecer experiência e ajuda, elevando o nível social das parceiras. A explicação se alinha com a proposta fornecida pelo site: relacionamentos pré-definidos e expectativas atendidas com benefícios mútuos.

A psicóloga Natália Marques contesta a equidade presumida na afirmação. “Eu estou falando de uma expectativa sobre como eu vou usar o outro para atingir vontades minhas e não de uma dinâmica de relação que eu valorizo, porque eu quero pra mim”, observa. Segundo ela, a natureza da maioria dos relacionamentos não preserva a identidade, liberdade e valores das

mulheres. “Estruturalmente, a lógica de relação entre os sexos é uma lógica de poder. Então, esse homem ou ele é muito consciente disso e procura se policiar para tentar equilibrar essa balança, ou essa relação não vai ser saudável.”

Através das redes sociais, o *sugar dating* tem sido vendido como uma forte alternativa para as jovens. “Tudo isso ratifica para essas garotas que a mulher não existe para ser livre e emancipada — que é muito mais lucrativo, divertido e inteligente se permitir ser um objeto para a satisfação do outro em troca de benefícios. O que molda até mesmo a percepção que as meninas têm de si mesmas e de seu papel na sociedade”, esclarece Moraes.

Na análise de Caroline Rodrigues, o atual momento socioeconômico do país é um terreno fértil para se vender a ideia de *sugar daddy*. “Estamos em um período em que muitos não têm a possibilidade de sonhar. A internet, quando fala do ‘Mili’ [abreviação de milionário, gíria online muitas vezes usada como sinônimo de *sugar daddy*], chega pegando a nossa desgraça e dando uma solução simples, invisibilizando todo um processo político que precisa ser feito. Como se isso não fosse um problema político, ideológico e social, como se quem tivesse que arregaçar as mangas não fôssemos nós”, analisa.

Segundo ela, é também por homens e mulheres serem apresentados a um mundo de possibilidades diferentes que esses negócios conseguem florescer. O que leva meninas, desde cedo, a já quererem esse modelo de relação para o futuro, como Alynne Cristina. “Foi vendido que vai salvar a vida delas, que vai tirar elas de um outro lugar. Se a gente não constrói uma sociedade em que mulheres acreditem que possam sair desse lugar de uma outra forma, elas vão cair nessa. No casamento também”, afirma Rodrigues.

O privilégio do cuidado

Cristina inicia a entrevista se desculpando por estar doente, mas minha voz nasalada pela mesma razão quebra o gelo entre nós. Nossa conversa acontece em pleno final de maio, quando a mudança de tempo em Florianópolis (SC) chega a ter uma diferença de 7º graus durante a semana. Passar ileso de um resfriado se torna uma tarefa difícil. Do outro lado, ela, nascida e criada em uma cidade pequena de Minas Gerais, ainda não se adaptou ao clima do interior de Santa Catarina, para onde se mudou há cinco anos em busca de melhores oportunidades.

O tempo não é a única diferença que nota entre as duas cidades. A região, com creches integrais e horário de trabalho flexível, mudou a vida de Cristina, que é mãe. “É algo muito fora da realidade que eu fui acostumada. Lá a gente tem uma escola que pega só a partir dos cinco anos, meio período, das 13h às 17h. Para uma mulher voltar ao mercado de trabalho, só se a vaga for muito boa para poder pagar uma babá.” Com o pai da criança ausente desde a gravidez e uma pensão que não costuma ser cumprida, nunca teve com quem deixar seu filho. O sonho de trabalhar ou estudar já havia se tornado uma utopia aos 20 anos.

Sua vida só tomou outros rumos quando conheceu o ex-namorado. Estava com 18 anos e faziam dois meses que seu filho havia nascido quando o homem, que chegava perto dos 40, a chamou para sair. “De certo modo, eu tinha uma relação *sugar*, mas não era assim que a gente nomeava”, explica. Sabendo que ela não conseguia ter renda ou se manter na faculdade por conta dos cuidados do bebê, ele passou a ajudá-la com uma quantia mensal.

Foi o ex-namorado que a motivou a recomeçar sua vida no Sul: garantiu um apartamento e toda a mobília na nova cidade, tomava conta das despesas de casa, pagava seus medicamentos — que somavam mais de 180 reais por mês —, assim como o leite e as fraldas do bebê. Quando Cristina precisou mover um processo contra o genitor, a representou como advogado. “Ele foi a minha estrutura até que eu pudesse fazer as minhas próprias.”

Durante essa fase, ela revela que tinha dificuldade em aceitar ajuda ou presentes. A mentalidade era de divisão de contas, não importava a circunstância. “Eu sempre procurei muito a igualdade de direitos. Para mim, aceitar que me bancassem, apesar de necessário naquele momento, me doía muito”, expõe Cristina, que ainda luta internamente com a questão, mas aceitou o modelo de relacionamento pelo filho. Com o dinheiro, conseguiria garantir um espaço só para os dois, tomar as próprias decisões sobre sua criação e pagar uma escola particular. “Depois que a gente é mãe, nós botamos as necessidades deles acima de qualquer coisa.”

Para uma mulher que passou por um relacionamento marcado por abuso físico e psicológico desde os 15 anos, a sensação de estranheza ao ser cuidada não vai embora do dia para a noite. “Ele literalmente tentou me matar, ele me arremessou da escada”, relata Cristina sobre um dos episódios que passou com o pai de seu filho, contra o qual mantém uma medida protetiva.

Ao dar a notícia de sua gravidez, Cristina ouviu comemorações e planos de construir uma família. Era o sonho do namorado de 25 anos ter um filho, mas com o tempo, a reação foi mais a mesma. Aos seis meses, a primeira cobrança por um aborto chegou, mas ela não pensava mais em seguir com o procedimento. “A partir daquele momento, ele começou: aborta, aborta. Aí veio o primeiro tapa.”

Depois da agressão, terminou com ele e passou a gravidez inteira sozinha, sem o apoio da família. “Eu brinco que minha família é uma fábrica de esposa. Criam mulher para ser mãe e dona de casa”, conta. Por não aceitar uma vida nas mesmas condições, engravidando nova e não casando com o genitor, o vínculo que tinha com eles mudou. Hoje, sabe que não aceitariam bem seu *sugar daddy*, mas a troca financeira não seria mal vista. “Na família, todas as mulheres são *sugar babies*, porque casaram com um homem bem sucedido, que paga a conta até hoje. Meus avós fugiram para casar aos 30 e 16 anos de idade, com minha avó grávida”, compara.

...

A opinião de Cristina sobre *sugar dating* mudou drasticamente ao longo do tempo. “Tinha aquela propaganda da menina no YouTube. Você está vendo essa bolsa, esse sapato, etc.? A visão que eu tinha a partir disso é de que era muito fútil”, admite. Foi depois de conhecer Mariana Yumi que mudou de opinião. “Eu tive que dar uma garimpada daquilo na minha mente e ela me ajudou muito nessa questão. Eu enxergava como prostituição, uma forma bonitinha de falar: eu faço sexo por dinheiro com caras mais velhos.”

Da primeira vez que ouviu sobre o assunto até o cadastro nos sites se passaram dois anos — tempo que usou para investigar melhor como a dinâmica funcionava. “Eu não entendia o que passava na cabeça do ‘cara’ para procurar uma mulher que ele sabia que teria que pagar para estar com ele. O que ele ganha em troca disso? Eu sabia que um *sugar daddy* real não busca sexo, porque, se fosse isso, ele teria o dinheiro para pagar a melhor prostituta”, relembra.

“Sexo com meninas mais novas” é o que me diz o primeiro *sugar daddy* que eu entrevisto quando questiono a principal razão que atrai homens ao título. Para ele não foi diferente. Na época, com 46 anos, foi a possibilidade de ter um relacionamento com uma menina bonita e mais jovem que levou Théo ao Meu Patrocínio. Gaúcho, veterinário e “solteiro, mas não sozinho”, o conheci através de sua *ex-sugar baby* — a amiga do café. Ele me escreve por e-mail que concederia a entrevista desde que eu garantisse o anonimato. Eu concordo. Aqui, Théo é um nome fictício.

“Estou tomando chimarrão, não tem problema, né?” Entre os goles de mate, ele conta que, em novembro de 2016, conheceu sua primeira *sugar*, mas se auto interrompe em seguida: “Não gosto de chamar por esse nome”. Desde então, estima que foram cinco mulheres com quem saiu. Sua intenção? Ajudá-las para que um dia consigam se sustentar sozinhas. “Eu quero que elas andem com as próprias pernas, não fiquem dependendo de homem a vida toda. De que aquilo não seja uma profissão para elas, porque muitas vêm dessa forma”, assegura Théo. Sua atual namorada foi uma das que ajudou, e que agora tem independência financeira. “Não estamos mais juntos por dinheiro.”

Aposentado, mora com os pais e diz fazer o que quer — que é curtir, não fazer nada. Em seguida se corrige, faz muito. Lê muito. Há quatro anos não entra mais na sua conta do Meu Patrocínio, mas ainda considera uma boa forma de homens mais velhos conhecerem alguém. “A possibilidade é muito grande se você tiver uma boa condição financeira. O que mais me elogiam, sem falsa modéstia, é cumprir a palavra, ter caráter e falar que vai ajudar e ajudar. Quando não quiser mais, não puxar o tapete e sumir. É uma coisa que valorizam”, conta.

Assim como Olacyr de Moraes, o maior plantador de soja do mundo na década de 1990, e Hugh Hefner, dono da Playboy, Théo gosta da atenção de ter uma mulher bonita ao seu lado. “Faz uma massagem no ego. Eu tenho 51 anos, sou de baixa estatura, feio. Não escondo de ninguém a minha condição física”, confessa. Ele ilustra o que pensa com um de seus relacionamentos antigos. Alta, bonita, magra, siliconada: segundo ele, sua *ex-namorada* era a mulher perfeita (para a idade dela). “Cansou de a gente chegar nos restaurantes, hotéis, e todo mundo olhar.”

Em oposto à ela, outra namorada não era de forma alguma o que desejava em uma mulher. Era uma excelente profissional, tinha caráter, mas não era bonita. “Eu chegava a implorar para ela se arrumar. Íamos para o mercado e ela ia mal arrumada. Eu mostrava para ela outros homens com mulheres que tinham um mínimo de vaidade. Ficava com inveja.”

...

Antes de Jennifer Lobo estrear o *sugar dating* como negócio no Brasil, o estadunidense Brandon Wade já fazia o mesmo desde 2006, quando fundou o SeekingArrangement. A inspiração para o empreendedor foi sua própria vida pessoal. Tímido, estranho e feio é como se descreve antes da fundação da startup: a pessoa no canto da balada, com a cerveja na mão, sem saber aonde ir ou quem falar. Entendendo que o poder financeiro seria uma forma de atrair atenção feminina — uma ‘isca para namorar’, em suas palavras — criou o website.

A empresa esteve por dois anos consecutivos na ‘The Dirty Dozen List’, da NCOSE, índice anual de entidades que, de alguma forma, facilitam ou lucram com exploração sexual ou abuso. Por mirar em ter estudantes universitárias como público, estiveram junto a corporações como Amazon, Google e Only Fans nas listas de 2020 e 2021. “Por que torcer por financiamento estudantil quando você pode ter garantido com um *sugar daddy*? Empréstimos estudantis levam a dívidas intermináveis, que se acumulam mais do que um graduado consegue lidar”, era o que dizia o fundador em releases à imprensa em 2014.

“Durante uma época, ao pesquisar ‘ajuda financeira’ no Google, os anúncios deles apareciam na primeira página”, informa Sommer Porter, Coordenadora de Eventos e Projetos Especiais da NCOSE. Dentro da plataforma, selos indicavam os perfis de universitárias — que, nos Estados Unidos, são normalmente pessoas endividadas, entre 18 e 24 anos de idade. No país, não há sistema público e gratuito como no Brasil, as mensalidades de graduação têm uma média de \$41 mil, de acordo com o último estudo da agência governamental National Center for Education Statistics (NCES). Através do programa Sugar Baby University, o site oferecia descontos e promoções exclusivas para esse público.

De acordo com dados divulgados pela própria companhia, após a recessão econômica americana de 2007, houve um aumento de 350% na adesão de *sugar babies* universitárias em cinco anos. A empresa abria orgulhosamente os números de inscritas por quadro estudantil de certas instituições. Já em abril de 2020, após o surgimento da pandemia, o aumento geral de usuários do site foi de 74% comparado ao mesmo período de 2019.

Ao procurar um representante do SeekingArrangement, sou avisada que a precursora global do ramo não se reconhece mais como uma plataforma de *sugar dating*: “Uma progressão natural enquanto nós entendemos que nossos membros não refletem mais esse termo”, escreve Emma, a consultora com quem troco e-mails.

Depois de mudar de estratégia, a marca, que passou a se chamar Seeking, agora trabalha com

um novo conceito: *dating up*. O propósito é “namorar estrategicamente e com seu valor mais alto em mente ao procurar um parceiro” — o que quer que isso signifique. Para uma entrevista, Emma me orienta que não poderiam ser associados ao seu antigo modelo de negócio, vigente durante 16 anos. Ela, então, não retorna mais minhas tentativas de contato.

...

Empresário de 51 anos, o *sugar daddy* de Cristina recebeu por ela o apelido de Comendador, em referência ao personagem da novela Império, da rede Globo. O que ela não sabia é que, assim como o papel interpretado por Alexandre Nero, ele era casado. Foi só depois de quatro meses juntos que descobriu a mentira: o suposto divórcio nunca havia acontecido.

Nos 20 dias antes da nossa videochamada, tem sido perseguida pela esposa, que a liga em torno de 10 vezes por dia. Três delas já haviam sido tiradas do saldo diário no momento em que conversamos. No Facebook, recebe mensagens de contas falsas a chamando de vagabunda e destruidora de lares. Porém, foram as ameaças de a história chegar até sua mãe que a fizeram desativar o perfil na rede social.

Entretanto, Cristina nunca quis que seu *sugar daddy* pedisse divórcio. “A perda patrimonial é muito grande”, pondera. Além disso, sabe que não é a única amante. De acordo com pesquisa de outubro de 2022, do portal de namoro online Gleeden, focado em pessoas já comprometidas — ou seja, traição —, metade dos homens brasileiros reserva parte de suas finanças para gastar em relações extraconjugais.

Depois de Cristina perceber que havia sido enganada, esteve disposta ao término. Ao confrontá-lo, recebeu uma transferência de R\$1.900 e um pedido para que se acalmasse. Mesmo assim, não foi só o dinheiro que a fez voltar atrás. “O dinheiro é muito bom, mas se fosse só por ele, talvez eu não aguentasse tudo o que aguentei”. Para ela, o Comendador é um porto seguro — um papel que, tirando o ex-namorado, ninguém ainda havia representado em sua vida. “Eu amo meu filho, mas ser mãe é extremamente exaustivo. Ser mãe solo mais ainda”, confessa.

Um dia, ao chegar em casa cansada, desabafou com ele sobre ainda precisar fazer a janta. “Não cozinha não, espera um pouquinho”, foi a resposta que recebeu. Depois de meia hora, o delivery estava em sua porta. Para ela, sua salada favorita, do restaurante do primeiro encontro entre os dois. Para o pequeno, hambúrguer com batata frita e chocolate quente.

Enquanto fala, o filho invade o quarto, pedindo para jogar videogame. Ela permite e, em seguida, me aponta que o dispositivo foi presente do *daddy*, assim como o computador pelo qual estamos conversando. “Eu falo que preciso de alguma coisa, em cinco dias está aqui.” Quando saem juntos, é ele que paga a babá e todas as despesas para o período: faxina, feira e delivery. Além dessa ajuda, Cristina recebe uma mesada de R\$5 mil e tem sua faculdade e aluguel embolsados por ele.

Depois de um tempo de relacionamento, pararam com os pagamentos por encontro. O arranjo remetia à prestação de serviço e, para ela, não era isso que acontecia entre os dois. Mesmo o valor sendo mais vantajoso em comparação ao que recebe hoje, a dinâmica não a fazia bem. No antigo esquema, os pagamentos chegavam a somar de R\$7 mil a R\$8 mil por mês. “Não dá para deixar o dinheiro sobressair, porque é muito mais fácil você aceitar um cara que só quer sexo e que o dinheiro vai entrar a cada encontro que você tiver. Só que isso fazia eu me sentir como uma garota de programa e não era o que eu queria”, assume.

Com palavras semelhantes às da minha amiga, ela explica as razões pelas quais entrou no meio. “Eu estava passando por muitas dificuldades financeiras. Sabe aquela história de que eu já estou me lascando assim de graça, que pelo menos eu me lasque ganhando alguma coisa?” Relacionar-se com homens não parece ser uma experiência, no geral, positiva para as mulheres que eu entrevisto.

Agora, aos seus olhos, sua vida amorosa está mais justa, mas ainda não satisfaz uma parte fundamental desse tipo de relação. “O ato sexual é péssimo. Ele é muito feliz, eu é que não sou nesse sentido”, conta Cristina, que optou por não ter exclusividade com seu *daddy*. Ao contrário do que o considerado pai da psicanálise, Sigmund Freud, especulava, Cristina sabe que não é da natureza essencial da mulher ser passiva e conformista, mas a falta de prazer não é algo que a incomode o suficiente para terminar a relação. “Saio 100% satisfeita? Não saio, mas ele me satisfaz em outros âmbitos da minha vida muito mais importantes do que isso”, assegura.

Se esse cenário mudar, afirma ter a organização financeira necessária para garantir a sua autonomia e sair da relação. “Se amanhã eu olhar para ele, ou ele olhar para mim, e falar ‘eu não quero mais’, eu fiz um pé de meia”. Até este dia chegar, Cristina diz que irá usufruir de tudo que seu *sugar daddy* oferece para poder crescer e mudar de vida.

As solicitações de entrevista ao Meu Patrocínio e Universo Sugar foram feitas em maio deste ano. Sem confirmação e, sabendo da sensibilidade dos assuntos abordados, foi oferecida a oportunidade de pronunciamento sobre questões apresentadas aqui por e-mail, em junho. Mais uma vez, as empresas não deram qualquer resposta.